

UM GESTO FICCIONAL EM CÂMARA LENTA

Ana Maria Rego Monteiro*

TAPAJÓS, Renato. *Em Câmara Lenta*, São Paulo, Alfa-Ômega, 1977.

1964: o golpe militar que implantou o regime político ditatorial no país. Minoria organizada perseguindo os objetivos "revolucionários" traçados. A maioria, o povo, atônita, espectadora de uma cena armada.

O golpe se consolida através de suas armas de força que torturam, reprimem, oprimem física, moral e psicologicamente uma minoria opositora que se constitui de consciências insatisfeitas: "dois, três, dez, um punhado de pequenos heróis solitários fazendo o trabalho no lugar de quem deve realmente fazê-lo" (1): o povo.

Neste quadro histórico-político entre 1964 e 1973, se situa *Em Câmara Lenta*. Romance informativo de uma dada época, que denuncia, questiona e reflete sobre a "triste e espetacular luta de fulgurâncias, de brilhos e fugas" (2) da guerrilha urbana.

A narrativa é composta de tomadas, de fragmentos que adquirirão seu significado na totalidade da obra, através de sua técnica de montagem. A montagem é invertida — se pensarmos na terminologia cinematográfica — com o apelo constante ao flash-back e, consequentemente, uma não linearidade dos fatos narrados. Esta fragmentação da narrativa apresenta-se ainda nos cortes, na diversificação de espaço e no foco narrativo sob as perspectivas do narrador-personagem e das demais personagens. Estas, por sua vez, são também fragmentadas, desindividualizadas, sem origem, sem sobrenomes, personagens/símbolos de pequenos heróis solitários de um movimento sem infra-estrutura, por isso vulnerável, impotente. Não basta coragem e generosidade para se vencer a luta, "é preciso uma organização sólida. Uma preparação técnica minuciosa." (3) Tanto na guerrilha rural quanto na guerrilha urbana, carregar nas costas o peso de centenas de mortos, não seria suficiente para derrubar um sistema repressor que ganhava fôlego diante de "uma multidão de crianças que só queria brincar portando espadas de papel" (4) e que "perdeu-se no tempo" (5). O narrador-personagem encarna a tomada de consciência desse gesto idealista, enfim, onde o mais importante seria organizar corretamente as peças do jogo de armar.

Quanto ao leitor, cabe-lhe o processo de decodificação da obra, de sua linguagem e significado fragmentados, a isso conduzido não só pela própria estruturação da narrativa, como também pela conscientização e reflexão dos fatos narrados, trazidas no fluxo de consciência do personagem-narrador.

* Aluna de Pós-Graduação em Letras — Literatura Brasileira.

O gesto ficcional de Renato Tapajós, fixa em nossa memória, em câmara lenta, o gesto/consciência de que "... a única ambição legítima é a de mudar o mundo. Sabendo que essa mudança não é um passe de mágica depois do qual o jogo de armar estará terminado. Sabendo que mudar o mundo é transformá-lo sempre — nossa contribuição nunca está dada. Por maior que tenha sido ela, por maior que tenha sido qualquer vitória, nossa contribuição está sempre por fazer"(6).

Notas Bibliográficas

1. TAPAJÓS, Renato. Op. cit. p. 158
2. Idem, p. 159
3. Idem, p. 97
4. Idem, p. 92
5. Idem, p. 92
6. Idem, p. 113